



TEMAS BÍBLICOS

Olhos voltados para o Senhor! Um estudo de Sl 123 e suas representações imagéticas

Eyes turned to the Lord! A study of Psalm 123 and its imagery

¡Ojos vueltos al Señor! Un estudio del Salmo 123 y sus imágenes

José Ancelmo Santos

Dantas¹

orcid.org/0000-0002-7693-5764

ancelmo_dantas@outlook.com

Recebido em: 21 jul. 2024.

Aprovado em: 21 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: O Sl 123 é um dos chamados "Cânticos das Subidas". Com apenas 35 palavras escritas em hebraico, descreve uma prece orante de cunho coletivo. Inicialmente, leva em conta as relações da época, ao descrever imagens metafóricas muito fortes, como a dos "olhos" (v. 1b) e, ainda, pensa nos "olhos dos escravos" (v. 2a), na "mão de seus senhores" (v. 2b), bem como nos "olhos da escrava" (v. 2c) para a "mão de sua senhora" (v. 2c). Entretanto, o clímax se dá com a afirmação coletiva: "os nossos olhos estão para o SENHOR" (v. 2d). Notadamente, se de um lado, o leitor perceberá uma brava escassez de palavras, de outro, a força dos gestos falará por uma multidão delas.

Palavras-chave: Misericórdia. Olhos. Desprezo. Salmos de peregrinação. Servos.

Abstract: Psalm 123 is one of the so-called "Songs of Ascents." With only 35 words written in Hebrew, it describes a collective prayer. Initially, it considers the relationships of the time, describing very strong metaphorical images, such as that of "eyes" (v. 1b), and also considers the "eyes of slaves" (v. 2a), the "hand of their masters" (v. 2b), as well as the "eyes of the slave" (v. 2c) for the "hand of her mistress" (v. 2c). However, the climax comes with the collective affirmation: "our eyes are toward the LORD" (v. 2d). Notably, while on the one hand the reader will notice a brave scarcity of words, on the other, the strength of the gestures will speak for a multitude of them.

Keywords: Mercy. Eyes. Contempt. Psalms of pilgrimage. Servants.

Resumen: El Salmo 123 es uno de los llamados "Cánticos de Ascenso". Con solo 35 palabras escritas en hebreo, describe una oración colectiva. Inicialmente, considera las relaciones de la época, describiendo imágenes metafóricas muy fuertes, como la de los "ojos" (v. 1b), y también considera los "ojos de los esclavos" (v. 2a), la "mano de sus amos" (v. 2b), así como los "ojos de la esclava" (v. 2c) por la "mano de su señora" (v. 2c). Sin embargo, el clímax llega con la afirmación colectiva: "nuestros ojos están hacia el Señor" (v. 2d). Cabe destacar que, si bien por un lado el lector notará una valiente escasez de palabras, por otro, la fuerza de los gestos hablará por una multitud de ellas.

Palabras clave: Misericordia. Ojos. Desprecio. Salmos de peregrinación. Siervos.

Introdução

Frente ao hino lírico presente em Sl 123, tem-se a impressão de que o orante cultiva junto ao Senhor, Deus de Israel, o predicamento de libertação. Ao testamantar as páginas do livro do Gênesis, compreendera que Deus é Criador. No entanto, frente ao "Projeto do Êxodo", não lhe restará dúvidas em afirmar: Deus é Libertador (Grenzer, 2004). Este último possui, do ponto de vista da teologia, peso semelhante àquele!



¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, SP, Brasil.

Por ocasião do primeiro discurso feito da parte do Senhor para Moisés, é dito: "vi a opressão do meu povo que está no Egito. Escutei seu grito diante de seus capatazes. Conheço suas dores. Então desci para libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra, rumo a uma terra boa e espaçosa, que jorra leite e mel" (Ex 3,7-8).

A narrativa exodal é carregada de imagens vivas. Nela, o Senhor, Deus de Israel, é descrito como quem possui sentidos e faculdades antropológicas. Este último tem olhos, por isso, vê; tem ouvidos, e disto resulta a capacidade de escutar; possui um modo de conhecimento semelhante ao do humano, sensorial; e daqui deriva-se a condição de conhecer, inclusive, as dores. Mais até, como se tivesse pés, inicia o caminho de descida, a fim de executar o trabalho de libertação. Eis, um verdadeiro tratado literário. Nele nada falta, há tudo! Esta perícopes também é poesia, embora esteja descrita na modalidade de prosa narrativa. Ao ler e/ou ao ouvir a máxima exodal, o interlocutor tem a impressão de que o sentimento atribuído ao Senhor, Deus de Israel, é o mesmo sentido, por quem canta e/ou reza em Sl 123. Dito de outro modo: pode-se fazer um paralelo entre o que se descreve em Êxodo 3,7-8 com o que se canta em Sl 123. Lá e cá, vigora a sensação de angústia, fruto de prática e do cometimento de injustiças.

Todavia, a medida em que o poema lírico, presente em Sl 123, avança. Percebe-se um colorido singular, ao descrever imagens, tais como: "olhos (וְיָנִיעַ)" (v. 1a), "olhos dos servos (וְיָנִיעַ עַבְדֶּיךָ)" (v. 2b), "sentado nos céus (יְבִישֵׁהָ מִן־שָׁמַיִם)" (v. 1c), "mão de seus senhores (מִן־יְדֵי אֲדֹנָי)" (v. 2b), "olhos da escrava (וְיָנִיעַ עַבְדָּתְךָ)" (v. 2c), "mão de sua senhora (מִן־יְדֵי אֲדֹנָתְךָ)" (v. 2c), tocando, por fim, no dizer: "nossos olhos (וְיָנִיעַ עֵינֵינוּ)" (v. 2d), cuja visão volta-se para o "SENHOR (הוהי)" (v. 2d), fonte e origem da libertação. Sim, são apenas 35 palavras forjadas na língua hebrai-

ca, entretanto, impõem-se como tecido nobre, exercendo frente ao ouvinte/leitor a função de conter em si a Palavra de Deus.

O olhar, diga-se de passagem, é o primeiro gesto simbólico entre dois enamorados. Os olhos constituem o portal inicial para o processo de enamoramento. O mesmo se dá, da parte do Senhor, Deus de Israel, para com o peregrino ou o contrário. Em Sl 121, o orante cantou: "levanto meus olhos para os montes (מִן־הַרְהָרִים יָנִיעַ אֵינֶי אֶשָׂא)" (v. 1b), agora, em Sl 123, "os olhos (וְיָנִיעַ)" (v. 1b) de quem canta ou reza, são levantados para o "SENHOR (הוהי)" (v. 2d). A medida em que este pequeno poema avança, imagina-se que o poeta deseja trabalhar três grandes faculdades a ele inerentes, a saber: os "olhos (תֵּא)" (v. 1b), as "mãos (אֶלְמָנִים)" (v. 2b) e a "alma (שֵׁפֶטֶן)" (v. 4a). Neste espetáculo vivo, onde os "olhares se cruzam", sendo que cada qual possui um papel diverso, porventura, teria o poema em questão algo a dizer (Couto, 2014, p. 224)? Sim, basta o cultivo pela busca da verdade, feito de modo desprezioso e humilde. Se assim se comportar o interlocutor, Sl 123 assumirá o devido papel dele: ditado divino que desce ao encontro da pessoa humana! Enfim, ao orante compete o gesto "humilde de esperar", mas ao ouvinte/leitor faz-se necessário uma aproximação tal que ofereça maior compreensão (Schökel; Carniti, 2021, p. 1474).

1 Apresentação do poema

Eis frente ao leitor o Sl 123. Para favorecer positivamente a leitura dele, de um lado, segue o texto na língua original, em hebraico. No meio, há a divisão dos versículos em versetos, ou seja, pequenas unidades literárias líricas, organizadas a modo de verso, linha por linha. E, finalmente, uma tradução para a língua portuguesa.

QUADRO 1 – Apresentação do poema e sua tradução

Hebraico	Versículo	Português
רִישׁ תּוֹלְעָמָה	(v. 1a)	Cântico das subidas.
וְיָנִיעַ אֵינֶי יְהוָה יִתְאַשֵּׁן יָנִיעַ יְהוָה	(v. 1b)	A ti levanto os meus olhos,
יְבִישֵׁהָ מִן־שָׁמַיִם	(v. 1c)	a ti, que estás sentado nos céus.
הֲגַהּ יָנִיעַ עַבְדֶּיךָ	(v. 2a)	Sim, como os olhos dos escravos

Hebraico	Versículo	Português
דִּי־לֵא קְהִינְוּאָ	(v. 2b)	para a mão de seus senhores,
יִנְיַעַב הַתַּפֵּשׁ דִּי־לֵא הַתְּרַבֵּג	(v. 2c)	e como os olhos da escrava para à mão de sua senhora,
כִּי וַיִּנְיַע הַדְּוָרִי־לֵא	(v. 2d)	assim os nossos olhos estão para o SENHOR,
וַיִּנְהֵלָא	(v. 2e)	nosso Deus,
דַּע וַיִּנְחָזֵשׁ	(v. 2f)	até que tenha piedade de nós.
וַיִּנְחַה הַדְּוָרִי וַיִּנְחַה	(v. 3a)	Piedade de nós, SENHOR, piedade de nós,
בְּרִיכַת וַיִּנְעַבֵּשׁ זֹב	(v. 3b)	porque ficamos fartos de desprezo!
מִיִּבְנָאֵשׁא תִּבְרַה־הַלִּי־הַעֲבָשׁ וַיִּנְשַׁפְּנֵי גַעְלָה	(v. 4a)	Nossa alma ficou farta do sarcasmo dos seguros,
זֹבֵה מִיִּבְנָאֵגֵל	(v. 4b)	e do desprezo dos soberbos!

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em princípio, quem canta ou reza em Sl 123 lembra por três vezes, do "SENHOR (הַדְּוָרִי)", que é "Deus (מִיִּהֵלָא)" de Israel. Em duas delas, descreve-se as letras sagradas, isto é, o tetragrama como em (vv. 2d,3a). E, em (v. 2e), narra-se o vocábulo "Deus", traduzido a partir da palavra (מִיִּהֵלָא). O orante, ao afirmar que levanta os próprios "olhos (עֵינַי)" (v. 1b), demonstra, de um lado, um estado de conturbação. Mas, ao precisar o destino e/ou o prumo do próprio olhar com vistas ao "SENHOR (הַדְּוָרִי)", além de conceder espessura coletiva à própria prece, pois até então era individual – no sentido de elevar o cântico do nível pessoal ao coletivo –, injeta, em seus interlocutores, a beleza da esperança. Em seguida, trabalha-se com uma série de sentidos. Sendo que, estes últimos, são todos usados com muita frequência nos relacionamentos humanos (v. 2a-d), tocando, por fim, na formulação de uma prece (v. 3a).

Sl 123, pequeno em sua estrutura vocabular, porém grande na temática, por ele apresentada, indaga, na medida em que questiona, o eu pessoal e coletivo de um povo: até que ponto é lícito viver com a "alma farta" (v. 4a), frente ao "sarcasmo dos seguros" (v. 4b)? Imagina-se que o peregrino, cujos "olhos (עֵינַי)" (v. 1b) se voltaram para o "SENHOR (הַדְּוָרִי)" (v. 2d), queiram faltar-se da presença dele, no caso, do Senhor, razão pela qual o ser humano se põe a caminho.

2 Os olhos

Após informar seus interlocutores a respeito do título do "cântico" em (v. 1a), o orante em (v. 1b) injeta, em seu poema lírico, uma singular metáfo-

ra, a saber: "a ti levanto os meus olhos (תִּשְׂבֹּן רַגְלֵאִי יִנְיַעַב־תָּא)". Trata-se, portanto, de uma "metonímia de adjunto", uma vez que o "olhar para o céu" é um "ato físico", mas que se concentra na "direção espiritual da oração" (Ross, 2016, p. 723). Semanticamente, tem-se a partícula (תָּא), indicando o objeto direto que está ligado ao substantivo (עֵינַי) comum aos dois gêneros – masculino e feminino – e que, em (v. 1b), está cunhada como palavra com sufixo pronominal na primeira pessoa. Além disso, à medida em que Sl 123 avança, um caminho temático acerca dos "olhos (עֵינַי)" (v. 1b) ganha espessura temática. Os "olhos (עֵינַי)", em (v. 1b), inicialmente, visam ao Senhor, que se encontra, antropomorficamente, "sentado nos céus" (v. 1c). Em seguida, a modo de espiral, a imagem desce ao patamar dos relacionamentos humanos (v. 2a-c) e, ao fazê-lo, toca em sua própria impotência, haja vista que "os olhos dos escravos (יִנְיַעַב הַתַּפֵּשׁ מִיִּדְבָרֵי)" (v. 2a) e "os olhos da escrava (יִנְיַעַב הַתְּרַבֵּג)" (v. 2c) não gozam da liberdade que possuem os "nossos olhos (הַדְּוָרִי־לֵא וַיִּנְיַעַב)" (v. 2d), quando estes últimos estão voltados para o "SENHOR (הַדְּוָרִי)" (v. 2d). No mais, a palavra "olhos (עֵינַי)" possui dentre os 150 Salmos, 66 presenças. Um olhar atento, feito por meio de uma concordância, certamente, trará aos interlocutores uma compreensão mais aprofundada acerca desta temática.

Para o Saltério, de um lado, está claro que os "olhos dele", no caso, do Senhor (Sl 18,25), "se voltam para o pobre" (Sl 11,4) – uma vez que "o sangue dos pobres" é precioso para os "olhos" (Sl 72,14) de Deus. Voltam-se "para os justos" (Sl 34,16), "para as nações" (Sl 66,7; 79,10; 98,2) e "para o embrião" humano (Sl 139,16). Mas, pode

acontecer, também, que, frente aos seus "olhos", "o recusado seja desprezível" (Sl 15,4), caso tenha "difamado com sua língua e tenha feito maldade a seu amigo" (Sl 15,3). Ou, ainda, caso tenha imaginado que Deus fosse igual ao ser humano, neste caso, uma "repreensão deve ser preparada antes os seus olhos" (Sl 50,21). Isso se dá, porque "os olhos" do Senhor "observam tudo com retidão" (Sl 17,2) e o "mandamento" dele é "límpido", a ponto de "iluminar os olhos" (Sl 19,9). Isso o Senhor o faz, na medida em que guarda o servo dele, como "a pupila", ou seja, como "a menina dos olhos" (Sl 17,8), segurando os "cílios dos olhos" (Sl 77,5) do servo, salvando o "povo oprimido" e fazendo baixar os "olhos presunçosos" (Sl 18,28). Aliás, é consolador imaginar que, enquanto há vida, há também esperança. Nesse sentido, a matemática divina supera a humana: "porque a teus olhos, mil anos são como o dia de ontem, que passou, como uma vigília durante a noite" (Sl 90,4).

De outro lado, porém, "os injustos não permanecerão ante os olhos" (Sl 5,6) do Senhor, e os "perversos", cujos "olhos" não há o pavor de Deus" (Sl 36,2) – isto é, os ímpios e/ou ignorantes –, ao usarem "seus olhos para espiar o pobre" (Sl 10,8), o fazem com "olhos de trevas" (Sl 69,24), "olhos soberbos" (Sl 101,5), "olhos falsos" (Sl 101,7), "olhos" que se "postam" para fazer o outro "inclinar-se ao chão" (Sl 17,11). Trata-se dos mesmos que sem "motivos acenam com os olhos" (Sl 35,19) e só sabem declamar, como refrão, palavras embusteiras, ao abrirem, largamente, a própria boca para dizer: "Ah! Ah! Nosso olho viu" (Sl 35,21)!

Queira Deus que o encontro com o delito cometido sirva como lisonjeio aos próprios "olhos" (Sl 36,3). E que "o olho esbugalhado, por causa da gordura" (Sl 73,7), não seja trampolim para ter "inveja dos jactanciosos, nem a paz dos perversos" (Sl 73,3). No final das contas, diante dos próprios "olhos", tudo não passará de uma "vã fadiga" (Sl 73,16). Do contrário, apenas "contemplarás com teus olhos e verás qual a retribuição dada aos perversos" (Sl 91,8). Esta última se assemelha a dos ídolos, na medida em que "tem olhos, mas não veem" (Sl 115,5; 135,16).

Em alguns momentos, "os olhos" de quem reza

"se consumem de tristeza" (Sl 6,8), "de aborrecimento" (Sl 31,10), "de opressão" (Sl 88,10), "de pranto" (Sl 116,8), "de falta de luz" (Sl 38,11), "de pecado e de mau" (Sl 51,6), ou seja, "olhos" tão chorosos quanto "canais de águas" (Sl 119,136), pelo fato de imaginar não ter seguido a "instrução do Senhor" (Sl 119,136). Quando os "olhos" de quem reza estão "consumidos" (Sl 69,4), chegam a pensar: "fui expulso de teus olhos" (Sl 31,23)! Entretanto, não se cansam de "olhar" para o Senhor e com "olhos admiráveis" (Sl 118,23), "olhos desvendados" (Sl 119,18), "olhos de promessas" (Sl 119,82), "olhos consumidos pela salvação" (Sl 119,123), "olhos que precedem as vigílias noturnas" (Sl 119,148), a fim de pedir-lhe: "ilumina meus olhos, para que não durma até a morte" (Sl 13,4) e "tira meus olhos do ver que é fútil" (Sl 119,37). Mais ainda, agradece ao Senhor, pelo fato de que com os "seus olhos podem ver os inimigos" (Sl 54,9; 92,12), pois, se de um lado, os "olhos" de quem é temente ao Senhor estão continuamente "fitos" nele (Sl 25,15), de outro, a "lealdade" do Senhor encontra-se diante dos "olhos" (Sl 26,3) de quem "caminha" na "verdade" e não "coloca coisa maligna diante de seus olhos" (Sl 101,3).

Noutros, por sua vez, "os olhos não são elevados" (Sl 131,1); quando muito, são prumados rumo "aos montes" (Sl 121,1). Há olhos que sequer receberão "o sono" de que tanto precisam (Sl 132,4). Contudo, o poeta sabe que olhos devem ser fixados em Deus, que é o Senhor de Israel (Sl 141,8). Além disso, podem também, fixá-los "nos fiéis desta terra" (Sl 101,6), cuja "morte" é preciosa "aos olhos do Senhor" (Sl 116,15). Enfim, ao caminhar tematicamente por entre os muitos versos que cantam acerca dos olhos, tem-se a impressão de que toda vez que os "olhos" (Sl 32,8) são lembrados, artisticamente, há um conselho que o acompanha, isto é, uma palavra de sabedoria. O "olho" ou os "olhos", no caso, ora pertence(m) ao "SENHOR" (Sl 33,18), uma vez que ele olha e "contempla" (Sl 94,9) quem na vida pretende ser justo, ora pertence(m) ao ser humano, cujo caminho de peregrinação pruma rumo a Deus. Justos e injustos, bons e perversos, frequentemente, utilizam-se de seus olhos. Esses deveriam ser

usados em primeiro lugar para cantar: "todos os olhos em vós esperam ó Senhor e vós lhes dais no tempo certo o alimento" (Sl 145,15). Quer dizer, usar os olhos tendo em si os sentimentos de um peregrino, ao ver e/ou ao contemplar seu lugar de peregrinação. Enfim, quando, em Sl 123, descreve-se as expressões: "os olhos dos escravos (מֵיִדְבָּע יְגִיעֵכָּ) (v. 2a) e "os olhos da escava (הַתְּרַבֵּג יְגִיעֵכָּ)" em (v. 2c), ao que parece, querem dizer que tais olhos jamais gozarão de liberdade, caso os olhos humanos não sejam fixados no "SENHOR" (v. 2d), "nosso Deus" (v. e).

3 As mãos

Quem reza ou canta, em Sl 123, passa da imagem dos "olhos" (v. 1b) para a imagem da "mão (יָד)"² (v. 2b). De um lado, sabe-se que os "olhos" (v. 1b), para além de sua especificidade imediata, servem também para analisar, no sentido de observar. De outro lado, às "mãos" (v. 2b), em geral, são dadas ao fazer, e, tal como é descrita em (v. 2b), trata-se de uma "metonímia de causa" (Ross, 2016, p. 728). Ao que parece, frente ao ouvinte/leitor, tem-se, portanto, uma relação profunda entre "olhos" (v. 1b) e "mãos" (v. 2b), na medida em que "os olhos fixam-se, através de uma relação psicológica, nas mãos" (Ravasi, 2011, p. 722).

Biblicamente, a palavra "mão (יָד)" possui uma presença vasta. Somente no livro dos Salmos, são, aproximadamente, 94 ocorrências. Inicialmente são apresentadas aos interlocutores "às obras das mãos" do Senhor (Sl 8,7; 19,2; 111,7; 138,8; 143,5), significando também a "mão dele" (Sl 10,12.14; 17,14; 28,5; 37,33; 75,9; 78,42; 81,15), isto é, do Senhor e/ou de Deus. Sendo que, em alguns casos, simplesmente é descrito: "sua mão" (Sl 37,24; 89,22; 95,4.7; 106,26), e, noutros, descreve-se, às "suas mãos" (Sl 28,4; 76,6; 95,5). Além disso, aparece também a expressão: "tua mão" (Sl 21,9; 31,16; 32,4; 38,3; 39,11; 44,3; 74,11; 80,18; 88,6; 89,14; 104,28; 109,27; 119,173; 138,7; 139,10; 145,16) e/ou de "tuas mãos" (Sl 31,6; 92,5; 102,26; 119,73; 144,7), sendo que, em todas essas ocorrências, visam-se sempre às mãos do Senhor.

Os poemas líricos conhecem também a "palma da mão dos inimigos" (Sl 18,1) e/ou "palma da mão do iníquo e do tirano" (Sl 71,4). Há, inclusive, expressões como: "mão do inimigo" (Sl 31,9; 31,16; 106,10.42), isto é, "mão do adversário" (Sl 78,61; 107,2) ou "mão de quem odeia" (Sl 106,10), trata-se, em princípio da "mão dos filhos do estrangeiro" (Sl 144,7.11). Existem, ainda, as "mãos dos sanguinários" (Sl 26,10), "mãos dos perversos e malfeitores" (Sl 28,4; 36,12; 82,4) e/ou "mão do perverso" (Sl 71,4; 97,10; 140,5), "mãos profanadoras da aliança" (Sl 55,21), "mãos violentas" (Sl 58,3), "mãos apalpadoras" (Sl 115,7) de ídolos, que são "mãos iníquas" (Sl 125,3). Ao que parece, são, portanto, "obras de mãos humanas" (Sl 115,4; 135,15).

Alguns possuem "mãos límpidas" (Sl 18,21.25), "mãos combatentes" (Sl 18,35), "mãos transpassadas" (Sl 22,17), "mãos levantadas" (Sl 28,2; 134,2) a fim de pedir socorro, "mãos pelejantes" (Sl 144,1), "mão direita" (Sl 73,23), "mão estendida" (Sl 77,3; 143,6), "mão de um valente" (Sl 127,4) e "mão forte" (Sl 136,12). Inclusive, une-se a esta classe a: "mão das nações" (Sl 106,41), "mão de Moisés e Aarão" (Sl 77,21), "mão de Davi" (Sl 89,26), "mão de Israel" (Sl 149,6), "a obra de nossas mãos" (Sl 90,17^(2x)) e tudo proveio graças "às mãos de Cuch" (Sl 68,32), de quem, Israel, de algum modo, descende. Caso este povo esqueça os prodígios outrora realizados, eles poderão cair na "mão do Xeol" (Sl 49,16; 89,49).

Portanto, o orante, ao cantar ou rezar em Sl 123 sobre a "mão de seus senhores (מִן־יָדָאֵלֹהִים)" em (v. 2b) e, mais até, "como os olhos da escrava para à mão de sua senhora (הַתְּרַבֵּג יְגִיעֵכָּ)" em (v. 2c), não nega a possível realidade oriental na qual vivia. De um lado, havia o "escravo" colocado num estado de total "dependência" e, de outro, "espia" o "senhor" todos os "gestos" dele (Ravasi, 2011, p. 727). E, por mais que "olhos" (v. 1b) unam-se "às mãos" (v. 2b), os "escravos" (v. 2a), ao prumarem o olhar para seus patrões, o fazem por questões servis, isto é, de trabalho. O peregrino, por sua vez, deve fazê-lo por amor, haja vista que o Senhor, Deus de Israel, é a razão de sua jorna-

² Há um estudo publicado sobre Sl 32. Nele, rapidamente, foi descrita uma pequena pesquisa acerca da temática da mão do Senhor (Dantas, 2024).

da. Ao que parece, os peregrinos já chegaram à cidade de Jerusalém e, estando aí, no local de adoração, cantam suplicando por "piedade para os oprimidos que eram desprezados" (Gomes, 2022). Cantam e rezam, a fim de livrar Israel do vespeiro no qual se encontrava.

4 Os seguros e os soberbos

A prece lírica cresce e ganha em robustez à medida em que o orante, cujos "olhos" pessoais (v. 1b) estavam voltados para o Senhor, cede lugar aos "olhos" (v. 2d) coletivos de um povo que se reuniu para cantar e rezar. Sim, em (v. 1b), a expressão usada é "os meus olhos (וְיַנִּיעֵתָא)", já, em (v. 2d), usa-se "os nossos olhos (וְיַנִּיעֵנּוּ)". Além disso, fundamenta-se numa prece, carregada de solenidade e temor, quando por três vezes insiste no verbo cujo significado aponta para "piedade (וְיַנִּיעֵנּוּ)", "misericórdia" e/ou "compaixão", conforme os (vv. 2f-3a^(2x)). Isso se dá pelo fato de o orante compreender que, embora os "olhos dos escravos" (v. 2a) estivessem voltados "para a mão de seus senhores" (v. 2b) e "os olhos da escrava para a mão de sua senhora" (v. 2c), estes últimos, mesmo sendo capatazes, não são capazes de trazer-lhes felicidade.

De um lado, felicidade não é sinônimo de permitir que "nossa alma³ fique farta do sarcasmo dos seguros (מִיַּנְנֵאֲשָׁה גְעֵלָה וְנִשְׁפָּן הַלֵּי־הַעֲבָדִים תְּבַר) (v. 4a), e, de outro, felicidade não é alegrar-se com o "desprezo dos soberbos (מִיַּנְנֵאֲגָל זֹבֵבָה) (v. 4b). Ter que conviver com a ideia de que os justos deveriam se alegrar com a fartura, não de "pão" ou de "comida" (Bortolini, 2000, p. 514), mas com o sarcasmo e o desprezo de quem insiste em ser opressor e orgulhoso causou inquietação tanto no "eu pessoal" do orante, quanto no "eu coletivo" de Israel.

Mas é fato, o olhar "pessoal-coletivo" nunca esteve tão cheio de "confiança voltado para Deus" (Weiser, 1997, p. 587), e será sob o prisma desse olhar que o poeta transformará gramaticalmente

a economia de palavras, por ele descritas, em oração madura a modo de petição: "Piedade de nós, SENHOR, piedade de nós (וְיַנִּיעֵה הַוְהִי וְיַנִּיעֵה) (v. 3a). Ao que parece, vive-se um contexto histórico difícil de se precisar. A poética lírica chega aos olhos de seus ouvintes/leitores, fazendo-os entender que, à época, havia uma divisão entre "os seguros" (v. 4a) e "os soberbos" (v. 4b), sendo que estes causavam ruídos junto à vida simples do "eu coletivizado" de Israel. Mais uma vez, o olhar atento, porém crítico e latente, volta-se, não mais para os padrões, senão "para o SENHOR (הַוְהִי) (v. 2d). Porventura, não fora ele a dar o primeiro passo junto, a fim de libertar o seu povo no Egito? O mesmo, ele fará agora. Basta que os olhos de quem reza ou canta se voltem para ele, colocando frente a ele, que é o Senhor, suas mãos e, sobretudo, o coração.

Conclusão

O Salmo 123 é um poema lírico que, apesar de sua concisão, expressa uma profundidade espiritual impressionante por meio de imagens poderosas: os "olhos" e as "mãos". Pertencente à coleção dos Hinos ou Cânticos de Peregrinação, esse salmo, com apenas cerca de 35 palavras, aposta nesses dois símbolos para transmitir uma mensagem que vai além da linguagem literal. A repetição dos "olhos" ocorre quatro vezes (vv. 1b, 2a, 2c-d) e, das "mãos", duas vezes (vv. 2b-c), revelando mais do que simples gestos; são figuras carregadas de significados profundos e ressonâncias espirituais.

Essas imagens evocam a relação íntima entre o fiel e Deus, demonstrando que, muitas vezes, os símbolos falam mais do que palavras excessivas. O horizonte dos "olhos" erguidos não se limita ao espaço físico, mas se orienta para o Senhor (v. 2d), expressando uma oração que transcende a individualidade, refletindo a esperança e a confiança de uma comunidade inteira em Deus.

O poema não se restringe à súplica pessoal,

³ Há um estudo nosso publicado acerca da palavra alma, a partir de uma leitura feita junto ao Sl 42. A palavra "alma (נַפְשׁ)" aponta para a garganta (Dantas, 2023).

mas dá voz ao sofrimento coletivo. Os olhos levantados para o Senhor dentro do santuário⁴ indicam uma busca por justiça e redenção, expressando o clamor de quem se sente injustiçado e perseguido. Ao transformar a fé em um ato de confiança comum, o salmo nos lembra que a verdadeira justiça divina só se realiza quando a fé encontra espaço na convivência fraterna. Assim, a esperança expressa no santuário não é apenas individual, mas compartilhada por um povo que sonha com uma comunidade de irmãos.

Embora breve, o Salmo 123 é profundo e honesto, abordando a dor e as dificuldades humanas com intensidade. Ele nos convida a levantar os olhos para Deus não apenas como um gesto físico, mas como um ato espiritual carregado de esperança – uma esperança que só encontra sentido, conforme a *Fratelli Tutti*, quando vivida em comunhão e fraternidade.

Referências

BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos*: comentário popular para nossos dias. São Paulo: Paulus, 2000.

CATEDRAL BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS. *Institucional*. Curitiba: Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, 2024. Disponível em: <https://www.catedralcuritiba.com/institucional>. Acesso em: 19 jul. 2024.

COUTO, D. Antônio. *Quando Ele nos abre as Escrituras*: domingo após domingo: uma leitura bíblica do lecionário: Ano B. São Paulo: Paulus, 2014.

DANTAS, José Ancelmo Santos. Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de Sl 42–43. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 112–123, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/973>. Acesso em: 19 jul. 2024.

DANTAS, José Ancelmo Santos. O paradoxo entre pecado e perdão: um estudo bíblico de Sl 32. *Revista Unitalo em Pesquisa*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 94–109, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://revista-nova.italo.br/index.php/arquivos/article/view/27>. Acesso em: 19 jul. 2024.

GOMES, José Almeida. Estudo dos Salmos. *Projeto Timóteo*. Is. I.1. 2022. Disponível em: <https://projetotimoteo.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Salmos-Jose-de-Almeida-Gomes.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei salmi*: commento e attualizzazione: v. 3: Salmi 101–150. Bologna: Dehoniana Libri, 2011.

ROSS, Allen P. *A commentary on the Psalms*: v. 3: Psalms 90–150. Grand Rapids: Kregel Academic, 2016.

SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecilia. *Salmos II: Salmos 75 a 150*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1997.

José Ancelmo Santos Dantas

É presbítero da Diocese de Santo Amaro/SP e doutor em Sagradas Escrituras pela PUC-SP. Atualmente, é diretor e professor do Curso de Teologia do Instituto São Boaventura, onde leciona disciplinas bíblicas e teológicas. Pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, atua também como vigário forâneo e membro do Conselho Econômico e Administrativo Diocesano, com ampla experiência em docência, pastoral e divulgação bíblica.

Endereço para correspondência

José Ancelmo Santos Dantas

Av. João Carlos da Silva Borges, n. 1084

Jardim Heliomar, 04726-002

São Paulo, SP, Brasil

⁴ A exemplo do Sl 123, o sul do País possui um lugar pequeno em sua estrutura material, todavia, gigante em sua estrutura de fé. Trata-se da Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz, localizada no estado do Paraná, em Curitiba. Essa catedral, embora modesta em tamanho, é um símbolo de profunda devoção e fé para a comunidade local. Tal como no salmo, em que os fiéis levantam os olhos a Deus em busca de misericórdia e ajuda, a catedral serve como um lugar onde os fiéis buscam consolo e orientação espiritual (Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, 2024).